

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Paolla Yoshie Guedes Morita

**O Instagram como ferramenta de disseminação sobre a
cultura alimentar dos povos indígenas: Um estudo de caso
o Tukumã Pataxó**

São Paulo
2023

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

O Instagram como ferramenta de disseminação sobre a cultura alimentar dos povos indígenas: Um estudo de caso o Tukumã Pataxó

Paolla Yoshie Guedes Morita

Orientador: Prof(a). Dr(a). Issaaf Karhawi

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista Mídia, Informação e Cultura

São Paulo
2023

O Instagram como ferramenta de disseminação sobre a cultura alimentar dos povos indígenas: Um estudo de caso o Tukumã Pataxó!¹

Paolla Yoshie Guedes Morita²

Resumo

O seguinte projeto de conclusão de curso, da pós-graduação de “Mídia, Informação e Cultura” tem o objeto de pesquisa o perfil do influenciador digital, Tukumã Pataxó, um indígena que utiliza as redes sociais com um espaço de ativismo tratar de assuntos voltados a causa indígena e para romper estereótipos sociais pré-estabelecidos pela sociedade. O objetivo principal desta pesquisa é: compreender como os influenciadores digitais indígenas conseguem criar narrativas que sejam capazes de engajar o seu público alvo e criar um espaço de conscientização sobre a pauta indígena; e analisar o seu perfil no Instagram. Um estudo de caso do perfil do Instagram do Tukumã Pataxó, do quadro “Saberes e Sabores Indígenas”, que busca analisar a através da culinária, como o influenciador conscientiza pessoas não indígenas para as questões que envolvem os povos originários.

Palavras-chave: Instagram 1. Culinária 2. Povos Indígenas 3. Ativismo 4. Influenciadores Digitais 5.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura

² Formada de jornalismo pela Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp)

Introdução

A luta dos povos indígenas pelos seus direitos não é um tema recente. Ela remonta ao período anterior ao reconhecimento de seus direitos pela Constituição Federal (1988), mais especificamente no CAPÍTULO VIII, no artigo Art. 231 - "São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, bem como os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, cabendo à União demarcá-las, protegê-las e fazer respeitar todos os seus bens". Essa luta teve início desde a invasão dos europeus no atual território brasileiro.

Para consolidar a lei mencionada anteriormente, foi necessário que ativistas tivessem voz para serem ouvidos e adquirissem relevância. Segundo Márcio Santilli (2022), fundador do Instituto Socioambiental (ISA), em entrevista para o quadro IDS OPINA, do Instituto Democracia e Sustentabilidade, o líder político e indígena Mário Juruna desempenhou um papel importante na promoção da pauta indígena no parlamento.

O Mário foi colega na câmara e na sua época funcionou a Comissão do Índio, uma comissão técnica, que existiu apenas naquela legislatura e foi presidida por Mário Juruna. A presença dele tinha um papel importante, pois Mário andava com um gravador pendurado no pescoço e gravava as declarações e entrevistas como os ministros da ditadura. E recuperava essas gravações quando ele se prestava ao ofício de dizer ao contrário. (SANTILLI, 2022)

Segundo Santilli (2022), naquela época, o papel de Mário Juruna era o de influenciador público e foi fundamental para denunciar e conscientizar as pessoas sobre o regime militar. O indigenista possui uma visão positiva, mesmo diante do governo passado, presidido por Jair Bolsonaro:

Vemos o movimento indígena promovendo um papel importante na resistência a esse momento. O retrocesso vai muito além da política indigenista, da política ambiental. Vemos poucos setores demonstrarem, nestes últimos anos, um poder de resistência e contraposição a esses retrocessos. (SANTILLI, 2022)

Com isso, podemos observar a importância de diversos porta-vozes da causa indígena atuando em ambientes que são formadores de opinião e concentram um grande número de pessoas. Atualmente, as redes sociais se destacam como um canal de fácil articulação nesse sentido.

As redes sociais proporcionam às pessoas uma nova forma de se relacionar com o mundo e, conseqüentemente, com temas sociais. A criação do Instagram, por exemplo, possibilitou a emergência de um novo mercado de trabalho e a ressignificação da lógica da informação e do consumo. De acordo com a pesquisadora Renata Alves de Albuquerque Othon (2017, p. 21-22), "o paradigma da convergência dos meios tecnológicos e comunicacionais – técnicas e narrativas – posicionou a produção e o compartilhamento de conteúdo em um cenário diferente". Segundo a autora, os criadores de conteúdo têm maior liberdade de criar e se comunicar com as pessoas.

A nova era traz consigo o surgimento dos influenciadores digitais, anteriormente conhecidos como blogueiros, que estão dominando as redes sociais com diferentes nichos e narrativas.

O Instagram, um aplicativo inicialmente concebido para compartilhar o cotidiano por meio de fotos, evoluiu e se tornou uma poderosa ferramenta para os povos indígenas expressarem suas vozes e fortalecerem sua capacidade de articulação. Segundo as autoras Paola Madrid Sartoretto e Lou Guimarães Leão Caffagni (2022), a apropriação dos meios de comunicação vem crescendo nos últimos anos, principalmente como uma forma de visibilidade para a luta indígena:

O pesquisador indígena Daniel Munduruku (2012) reconhece a importância da imprensa independente na promoção do diálogo entre grupos indígenas e o restante da sociedade nacional como uma forma de resistir aos estereótipos culturais disseminados na mídia liberal tradicional que corroboram as narrativas do regime militar, e de seus herdeiros no atual governo, sobre o atraso dos povos indígenas. (SARTORETTO; CAFFAGNI, 2022, p.44)

Dito isso, este projeto aborda o seguinte problema de pesquisa: como os influenciadores digitais indígenas utilizam o Instagram como ferramenta de conscientização e ativismo? A partir dessa pergunta norteadora, surgem os objetivos da pesquisa. De maneira geral, busca-se analisar o perfil do influenciador indígena Tukumã Pataxó no Instagram, a fim de compreender a importância da articulação indígena na formação de opinião e na transmissão de conhecimento para pessoas não indígenas. De forma mais específica, o estudo visa compreender essa transmissão por meio dos conteúdos relacionados ao ativismo e à cultura alimentar presentes em sua conta do Instagram.

O projeto será baseado no estudo de caso do perfil de Tukumã Pataxó, cuja página foi acessada em 4 de junho de 2023. O influenciador possui 849 publicações e 261 mil seguidores. Segundo Dandara Fonseca (2020), jornalista da Revista Trip, Tukumã utiliza as redes sociais de forma humorada e irônica para promover a conscientização sobre a militância indígena. Além disso, “atualmente um dos colaboradores do Mídia Índia, projeto em que indígenas de diferentes etnias escrevem e divulgam conteúdos para informar a sociedade e abrir debates importantes para sua luta”.

A pesquisadora foi responsável por analisar três vídeos do quadro "Saberes e Sabores Indígenas", nos quais o influenciador aborda pratos tradicionais indígenas. O objetivo é compreender a criação da narrativa e como a mensagem é transmitida ao público-alvo, assim como o conteúdo relacionado à alimentação. Para compreender e contextualizar a escolha da rede social, o Instagram, será necessário utilizar recursos da pesquisa bibliográfica que embasam o ambiente em que o influenciador atua.

A escolha do perfil de Tukumã Pataxó foi feita devido à sua atuação nas redes sociais em defesa da causa indígena, além de possuir um alcance capaz de fornecer métricas relevantes para a pesquisa. Além, da temática sobre culinária tradicional e a diversidade de conhecimento abordada por Tukumã em seus vídeos.

1. Ativismo indígena

2023 é o ano que começou com a esperança de uma nova democracia, independente de governo, sabemos que a tomada de posse de um novo líder político, de forma legal, prevista pela Constituição Federal de 1988, é a afirmação que a democracia ainda está viva.

Para os povos indígenas, a mudança de poder trouxe significados simbólicos, que foi a subida da rampa no Palácio do Planalto, em Brasília. Segundo a Agência Brasil (2023), Luiz Ignácio Lula da Silva “recebeu a faixa presidencial de cidadãos que representam a diversidade do povo brasileiro”, entre eles o cacique Raoni Metuktire. Outro fato importante foi o anúncio da criação do Ministério dos Povos Indígenas, com a ministra Sônia Guajajara.

Em uma entrevista concedida ao Instituto Democracia e Sustentabilidade (2023), Ivaneide Bandeira Cardozo, também conhecida como Neidinha Bandeira,

ativista pelas causas indígenas, destacou a importância do Ministério dos Povos Indígenas como um recomeço para a democracia:

A criação do ministério é como se fosse uma reparação histórica de 522 anos sem respeito aos direitos indígenas e dos povos da floresta. Esse ministério deveria existir desde o começo e não havia. E o Lula faz isso agora e para a gente é superimportante esse ministério. E ter a Soninha Guajajara dentro dos ministérios, isso nos honra muito. Ela é conhecida pela luta em defesa dos povos indígenas. Ter a Joênia Wapichana como presidente da Funai é uma grande honra, ela é conhecida pela sua luta em defesa dos povos indígenas, e, quando era a única deputada indígena no Congresso, enfrentou o período bolsonarista de perseguição aos direitos dos povos indígenas. A Joênia foi incansável em defender os direitos dos indígenas no Congresso. (BANDEIRA, 2023)

Porém, em meio ao primeiro mês de governo do Presidente Lula, uma notícia assombrou o país e o mundo. É o caso da denúncia feita pela SUMAÚMA (2023), uma plataforma de jornalismo, fundada por Eliane Brum, Jonathan Watts, Verónica Goyzueta, Talita Bedinelli, que conseguiu reunir provas, juntamente com indígenas, evidenciando a situação de calamidade do povo Yanomami, que estavam morrendo por causa da malária e desnutrição ocasionada pelo garimpo ilegal.

“Não estamos conseguindo contar os corpos”, afirma uma das oito pessoas ouvidas pela reportagem nos últimos dias. Todas relatam um cenário de catástrofe dentro da maior terra indígena demarcada do país. No território entre os estados de Roraima e Amazonas, onde vivem quase 30 mil Yanomami, a fome se alastrou em uma terra farta de comida. Fragilizados, velhos e crianças sucumbem a doenças que têm tratamento, mas com frequência ele não chega. O descaso é uma sentença de morte. (MACHADO et al., 2023)

Esses acontecimentos nos mostram a importância do ativismo indígena na construção de novas políticas públicas e na denúncia das ilegalidades que ocorrem em seus territórios. Conforme Krenak (2020, p. 21), “O dilema político que ficou para as nossas comunidades que sobreviveram ao século XX é ainda hoje precisar disputar os últimos redutos onde a natureza é próspera, onde podemos suprir as nossas necessidades alimentares e de moradia”. Isso significa que os povos indígenas travam uma luta de séculos para garantir sua sobrevivência nos locais onde se originaram.

O descaso com os povos indígenas, principalmente pela sociedade, ressalta a importância do ativismo, das manifestações e da participação em debates públicos. A capacidade de se expressar, agir e reagir muitas vezes surge como resposta às imposições que colocam as necessidades de um povo ou de um grupo

social em segundo plano, ameaçando sua própria sobrevivência. Krenak (2020, p. 15) destaca que as culturas indígenas ainda resistem há "quinhentos anos" e que ainda existem cerca de 250 etnias no Brasil, que se diferenciam umas das outras e falam mais de 150 línguas e dialetos. E hoje, a sociedade indígena, como o povo Krenak, está motivada a mostrar quem são e lutar por seus direitos.

O ativismo indígena tem se fortalecido por meio de redes de comunicação, especialmente em plataformas digitais, como a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Rede Wayuri e Mídia Índia. Atualmente, as redes sociais permitem que os povos originários propaguem cada vez mais seus saberes culturais, desfaçam estereótipos e exijam mudanças políticas. Segundo Deslandes (2018, p. 3134, apud RIOS; SILVA, 2023, p. 224), o ativismo digital possibilita a união de diferentes lutas simultaneamente, estabelecendo conexões entre diferentes temas. "O ativismo digital tem ampla capacidade de agregação, convocação de massas, atuação nas ruas e possui um caráter complementar ao ativismo presencial."

2. Influenciadores digitais

Para alcançar os feitos, como mencionado no capítulo anterior, foi necessário realizar muito trabalho. Nada foi conquistado de forma rápida e fácil, mas sim por meio da presença de articuladores de vozes ativas, personalidades públicas e formadores de opinião. Esses indivíduos desempenharam um papel crucial na transformação da realidade atual, mesmo que esta ainda esteja distante do ideal.

Os formadores de opinião desempenham um papel mais complexo e presente na vida das pessoas atualmente. Com a internet, eles se transformaram em influenciadores. O termo "influenciadores digitais", conforme mencionado por Karhawi (2017, p. 53), passou a ser utilizado a partir de 2015, em decorrência da entrada de novos aplicativos na esfera de atuação desses profissionais. Eles deixaram de se restringir a apenas uma plataforma, como o YouTube no caso dos vlogueiros, ou apenas os blogs no caso dos blogueiros.

Segundo a entrevista realizada pela pesquisadora Issaaf Karhawi (2021, p. 290), com a antropóloga Crystal Abidin, os influenciadores são aqueles que retêm a atenção do público, principalmente ao compartilhar algum tipo de conteúdo relevante, seja sobre suas vidas pessoais ou sobre um tema específico. Abidin afirma que os influenciadores são "um tipo muito específico de celebridades da

internet que buscam transformar essa visibilidade online em uma carreira digital remunerável", estabelecendo uma relação mais íntima com a audiência e compartilhando aspectos de suas vidas privadas nas redes sociais.

O poder de disseminação de conteúdo atribuído aos influenciadores digitais é exponencial e possui um alcance maior. Abidin (apud KARHAWI, 2021, p. 295) explica que eles trabalham em parceria com marcas, agências de saúde e governos para transmitir mensagens capazes de educar o público.

Em alguns casos, os influenciadores são capazes de angariar atenção e endossar mensagens que podem ser tanto de clientes, promovendo produtos de higiene e beleza, quanto promoção de mensagens sociais, de direitos humanos ou políticas. Em qualquer um desses exemplos, os influenciadores digitais desempenham um papel importante na ampliação da atenção para determinados assuntos. Na mesma medida, eles podem desempenhar um papel igualmente bom em desviar a atenção, distrair as pessoas e, portanto, suprimir alguns tópicos de conversas. (ABIDIN. 2021 apud KARHAWI, 2021, p. 291)

Karhawi (2017, p. 55) explica que o poder do discurso dos influenciadores é capaz de influenciar a tomada de decisões do seu público, além de ditar pautas sociais, de estilo de vida e bens culturais. Segundo a autora, essa legitimidade e credibilidade dada aos influenciadores requer "em alguma medida, um grupo de pessoas, pressupõe-se um destaque, prestígio; algum tipo de distinção em meio ao grupo". Essa distinção é conferida a partir dos três tipos de capitais, conforme descrito por Bourdieu:

[...] capital pode se apresentar em três formas fundamentais: como capital econômico que pode ser convertido, direta e imediatamente, em dinheiro e pode ser institucionalizado sob a forma de direitos de propriedade; como capital cultural que é convertível, sob certas condições, em capital econômico e pode ser institucionalizado sob a forma de qualificações educacionais; e como capital social, constituído por obrigações sociais ("conexões"), que é convertível, em determinadas condições, em capital econômico e pode ser institucionalizado sob a forma de um título de nobreza (BOURDIEU, 1997, p. 47, apud KARHAWI, 2017, p. 55)

Desta forma, a publicação "Juventudes e democracia na América Latina" (SOLANO, 2022) reforça a importância dos influenciadores na propagação de temas de relevância social, uma vez que, ao verem os posts dos influenciadores, seus seguidores refletiam sobre o assunto.

Tal processo também podia ser desencadeado por comentários com os quais estavam em desacordo, o que fazia com que começassem a pensar sobre agendas nas quais nunca tinham pensado. Desse modo, a politização acaba ocorrendo muitas vezes em função da reação aos comentários alheios nas interações com influenciadores. (SOLANO, 2022, p.17)

3. Cultura alimentar

Alimentar-se é um ato de sobrevivência que faz parte da nossa biologia. Nos alimentamos para manter nosso organismo funcionando, fornecendo os nutrientes necessários. No entanto, a alimentação vai além da nutrição. Para Lott e Santana (2021, p. 269), a cultura alimentar é um ato simbólico que nos permite compreender os grupos por meio de suas formas de comer e produzir alimentos. Essa cultura alimentar é influenciada por questões ambientais, sociais e históricas. A alimentação desempenha um papel fundamental na construção da identidade de um grupo.

a alimentação humana é impregnada pela cultura, é possível pensar os sistemas alimentares como sistemas simbólicos em que códigos sociais estão presentes atuando no estabelecimento de relações dos homens entre si e com a natureza (MACIEL, 2005, p. 49 apud LOTT; SANTANA, 2021, p. 271).

Segundo Nora (1993, apud LOTT; SANTANA, 2022, p. 272), os elementos da cultura são construídos a partir do território e das memórias, “capazes de bloquear o esquecimento de uma dada comunidade e por tal motivo, merecem ser registrados, estudados e valorizados”.

Como neste trabalho estamos propondo dissertar sobre o ativismo indígena por meio do influenciador digital indígena, Tukumã Pataxó, não poderíamos deixar de falar sobre a cultura alimentar indígena. No entanto, devemos ter em mente que, no Brasil, segundo a FUNAI (2022), em 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou "274 línguas indígenas no país, onde vivem 817.963 mil indígenas de 305 diferentes etnias".

A cultura indígena é diversa e cada etnia têm seus hábitos próprios e várias formas de se relacionar com o mundo. Ainda assim, muitos grupos étnicos compartilham os mesmos modos de vida, rituais, e organizações sociais semelhantes (GOV. 2022)

Podemos listar algumas características da culinária indígena de diferentes etnias. Munduruku (2004) recorda de sua infância na aldeia do povo Munduruku, onde havia uma roça com plantação de mandioca e diferentes árvores frutíferas. Eles também consumiam ingaxixica e maracujá do mato.

Matávamos a fome comendo melancia com farinha de tapioca ou chibé, que é uma mistura de água fresca com farinha. Acompanhada de frutas, nossa refeição era um verdadeiro banquete que nos mantinha em pé e dispostos a trabalhar ainda mais. (MUNDURUKU, 2004, p.34)

Já para o povo Oiapoque (Ramos, Noda, Martins, 2021), do território Terra Indígena Uaçá, a alimentação era composta por “peixes, mamíferos, aves, répteis, crustáceos, plantas cultivadas e manejadas/coletadas na floresta”. Todos os povos têm suas crenças e saberes. Para os Oiapoque, a constelação mais importante em suas vidas é o Kusuvwí/La pusiê, responsável pela fartura de alimentos e segurança alimentar.

Os Mbyá-Guarani (TEMPASS, 2011, p.93) se guiam pelas divindades na alimentação, ensinando como os alimentos tradicionais devem ser obtidos, armazenados, preparados, servidos e consumidos (Tempass, 2011). Eles cozinham sua comida por quatro motivos:

- 1) não desperdiçar nenhum alimento, pois alimentos cozidos são melhor conservados;
 - 2) aumentar o potencial sagrado dos ingredientes utilizados visam do a alimentar mais as porções sagradas do conjunto corpo-alma do que a partir telúrica;
 - 3) aumentar o teor de doçura dos alimentos;
 - e 4) eliminar o tupixua , no caso das carnes de caça.
- (TEMPASS, 2011, p. 94)

4. Tukumã Pataxó - “Saberes e Sabores Indígenas”

O Povo Pataxó pertence ao tronco linguístico Macro-jê e à grande família Maxakali, sendo distribuído em 39 aldeias nos Estados da Bahia e Minas Gerias, estando 33 aldeias localizadas na Bahia e 6 em Minas Gerais. Os Pataxó são índios Sul-Americanos, brasileiros, conhecidos como Pataxó Meridionais, diferindo-se dos Pataxó Setentrionais, ou Pataxó Hã-hã-hãe, também pertencentes ao tronco linguístico Macro-jê e à família Maxakali.(SILVA, 2017)

Tukumã Pataxó (AKATU, 2022) é um indígena pertencente ao povo Pataxó, localizado em Coroa Vermelha, na Bahia. Ele atua como diretor de comunicação da

Associação de Jovens Indígenas Pataxó (AJIP), colabora com a Mídia Índia, um coletivo de comunicadores, e é estudante de gastronomia na Universidade Federal da Bahia, além de ser chefe de cozinha.

Tukumã possui 849 publicações e 261 mil seguidores em seu perfil no Instagram, contabilizados até o dia 4 de junho de 2023. Para ele (PATAXÓ, 2022, apud AKATU, 2022), "Nós podemos utilizar a internet como uma ferramenta de luta da mesma forma que usamos nosso arco e flecha." Ele conta que sempre teve o desejo de ensinar e ser visto como "protagonista", já que não se sentia representado pelas mídias.

Me questionava quando criança: "Poxa, não me vejo em lugar nenhum. Podia ter nascido em uma família branca e tudo seria diferente e mais fácil". Hoje, sei que as crianças indígenas têm referências, porque já contaram pra mim. São tão jovens, mas se vêem no que eu faço e me vêem como inspiração. Isso é gratificante! As pessoas não estão acostumadas a verem, nós, indígenas, no mesmo local de trabalho, ocupando os mesmos espaços e utilizando a mesma tecnologia. (PATAXÓ, 2022 apud AKATU, 2022)



Figura 1: Perfil do Instagram do influenciador digital Tukumã Pataxó. Fonte: Instagram do Tukumã Pataxó.

O conteúdo produzido por Tukumã dialoga com a quebra de estereótipos sobre os povos originários. O influenciador compartilha em suas redes sociais aspectos de sua vida pessoal, ativismo pelas causas indígenas e seu envolvimento em eventos, manifestações e questões políticas. Ele também aborda aspectos culturais, como culinária, modo de vida, costumes e crenças. Para desafiar

estereótipos, Tukumã utiliza recursos como memes, que satirizam ideias preconceituosas em relação ao uso de roupas, celulares e internet pelos povos indígenas. Em suas palavras: “Pego os comentários e os transformo em piada. Assim a pessoa vê como o pensamento dela é sem noção, e eu gero conteúdo” (Pataxó, 2021, apud Lichotti, 2021).

O primeiro conteúdo a viralizar foi um vídeo em que ele e seis amigos também indígenas, embalados por um rap, trocam as roupas “de branco” – camisas, calças – por vestimentas e pinturas tradicionais de seus povos. “É indígena que vocês querem? Toma!”, escreveu Tukumã. O vídeo teve mais de 1 milhão de visualizações. (LICHOTTI, 2021)

Para a realização deste artigo, iremos nos basear no quadro apresentado por Tukumã Pataxó intitulado “Saberes e Sabores Indígenas”. Nesse quadro, ele compartilha informações relevantes sobre a culinária indígena, não apenas do povo Pataxó, mas também de outros povos indígenas e os saberes que possuem.



Figura 2: Frames do quadro “Saberes e Sabores Indígenas” do perfil do Instagram do influenciador digital Tukumã Pataxó, juntamente com os comentários. Fonte: Instagram do Tukumã Pataxó.

4.1 Metodologia

Conforme o mapeamento realizado para este artigo, o quadro "Saberes e Sabores Indígenas" teve início em 19 de janeiro de 2022, em parceria com a Mídia Índia. Inicialmente, os vídeos eram publicados todas as quartas-feiras e abordavam temas relacionados à culinária tradicional indígena, destacando que os alimentos não são apenas para o corpo, mas também para a alma e o espírito (Tukumã Pataxó, 2022). O quadro apresentava receitas, alimentos típicos, histórias e convidados especiais, que eram outros indígenas compartilhando sua cultura. O programa teve sua última publicação em 30 de novembro de 2022, marcando sua conclusão oficial em parceria com a Mídia Índia. Ao todo, foram publicados 41 vídeos no formato de reels, com duração variando entre 1 minuto e 1 minuto e 30 segundos, desde o primeiro post que anunciou o início do programa. Para este trabalho, foram analisados três vídeos que representam diferentes perspectivas do trabalho de Tukumã, mostrando como ele apresenta outros povos com suas diversas culturas, como o espaço do programa é compartilhado por outras pessoas e como são abordados os diversos conhecimentos da cultura indígena.

Disponível em: https://www.instagram.com/p/CY7i_eOFwBB/

4.2 - Sa'pó, bebida do povo Sateré-Mawé

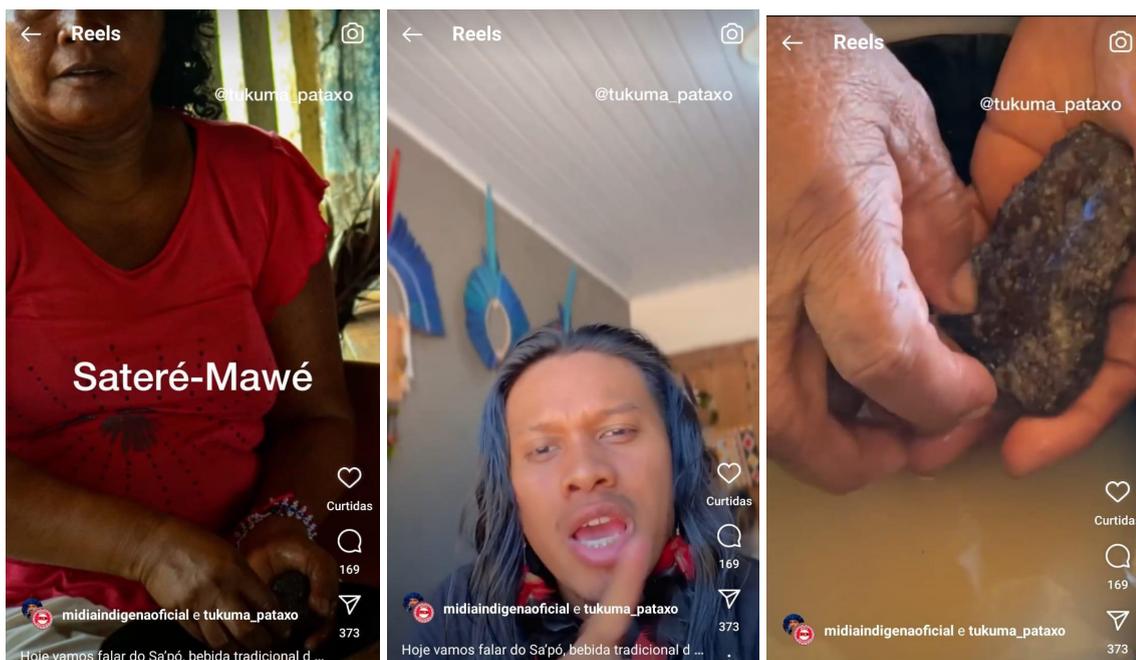


Figura 3: Frames do quadrado "Saberes e Sabores Indígenas" do perfil do Instagram do influenciador digital Tukumã Pataxó, sobre o Sa'pó. Fonte: Instagram do Tukumã Pataxó.

Legenda do reels:

Hoje vamos falar do Sa'pó, bebida tradicional do povo Sateré-Mawé, povo do Guaraná.

Faz parte da cultura e espiritualidade do povo Sateré.

Gostaram ? Comentem bastante e não esqueçam de compartilhar ❤️

#reels #explore #explorar #receitas #culinaria (Legenda retirada na íntegra dos vídeo postado no Instagram)

No vídeo apresentado por Tukumã Pataxó, ele fala sobre a bebida Sa'pó, feita a partir do Guaraná em bastão raspado na língua do Pirarucu, um tipo de peixe, ou em uma pedra. Essa bebida é oferecida pelo povo Sateré-Mawé quando há visitas e possui um significado espiritual. A preparação da bebida é realizada pela mulher do anfitrião ou por uma de suas filhas, que rala o bastão de guaraná até que se dissolva na água. Todo o processo é feito em uma cuia, um recipiente indígena, e a bebida é compartilhada de mão em mão entre as pessoas presentes.

O vídeo foi publicado em 9 de fevereiro de 2023 e tem 53 segundos de duração. Até o dia 04 de junho de 2023, recebeu 52.941 reproduções, 169 comentários e 373 compartilhamentos. O recurso de curtidas foi desativado pela página. Os comentários no vídeo mostraram que os usuários do Instagram, não indígenas, que interagiram com o vídeo, desconheciam a bebida e expressaram interesse em experimentá-la. Também houve comentários de indígenas parabenizando Tukumã pela iniciativa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZw6XXdApJ/>

4.3 Fani: comida típica do povo Kambeba

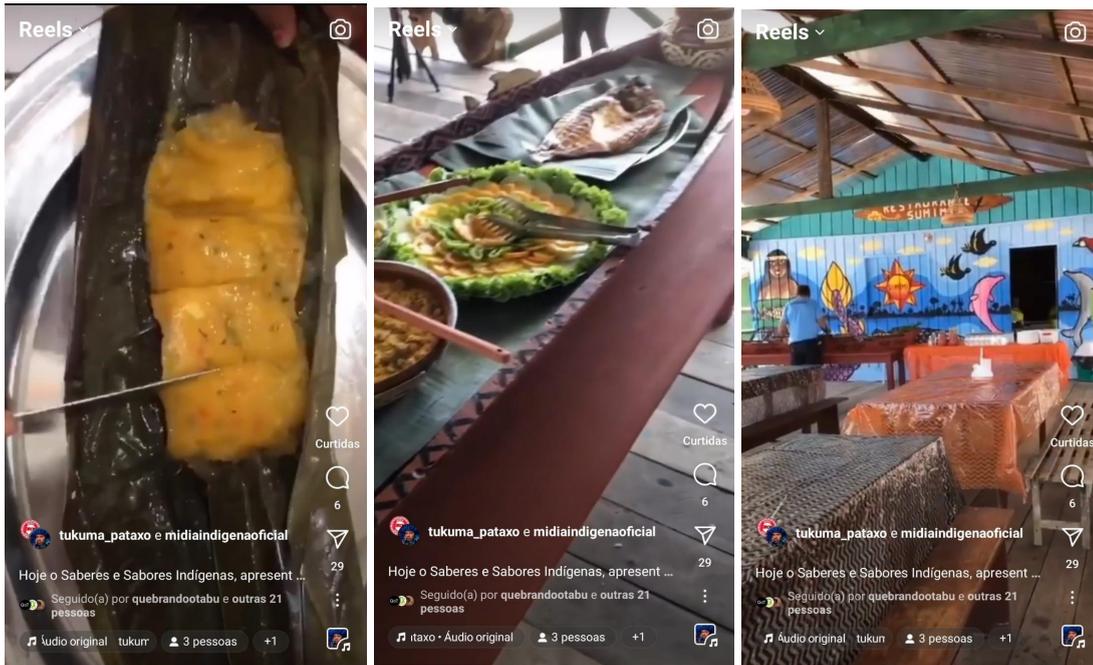


Figura 4: Frames do quadrado “Saberes e Sabores Indígenas” do perfil do Instagram do influenciador digital Tukumã Pataxó, sobre o Fani. Fonte: Instagram do Tukumã Pataxó.

Legenda do vídeo:

Hoje o Saberes e Sabores Indígenas, apresenta um dos restaurantes indígenas que trás para o público seus saberes e sabores, da culinária tradicional.

Hoje @tainara__kambeba vai contar um pouco sobre o fani que é uma comida típica do povo Kambeba. @neurilene_cruz vai contar como foi ganhar o prêmio.

Conheçam o @restaurante.sumimi e saibam mais sobre essa diversidade e história do povo Kambeba. Vídeo: @moraesneucilane

#sabereseSaboresIndiegnas #kambeba #tresunidos #sumimi #rionegro #riocueiras #manausamazonas #amazônia #restaurantesumimie (Legenda retirada na íntegra dos vídeo postado no Instagram)

No vídeo, Tainara Kambeba e Neurilene Cruz, duas indígenas do povo Kambeba, localizado a 60 km de Manaus, apresentam o restaurante "Sumimi". O estabelecimento foi premiado pelo Consulado da Mulher e serve um prato tradicional chamado Fani, feito com macaxeira (mandioca) ralada e pirarucu, que é enrolado na folha da bananeira e cozido. O reels não contou com a participação de Tukumã Pataxó e apresentou apenas a capa do programa, sem a abertura habitual dos outros episódios. Foi divulgado em suas redes sociais, juntamente com a Mídia Índia, e teve 11.787 reproduções, 6 comentários e 29 compartilhamentos. O reels foi

publicado em 31 de agosto de 2022, com duração de 1 minuto e 18 segundos. Entre os 6 comentários, muitos reagiram com emojis de coração, palmas e corações. Um usuário relacionou o nome da comunidade indígena com o bairro onde mora em Fortaleza. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ch8Mx0DO1pz/>

4.4 - Formigas, uma iguaria cultura indígena

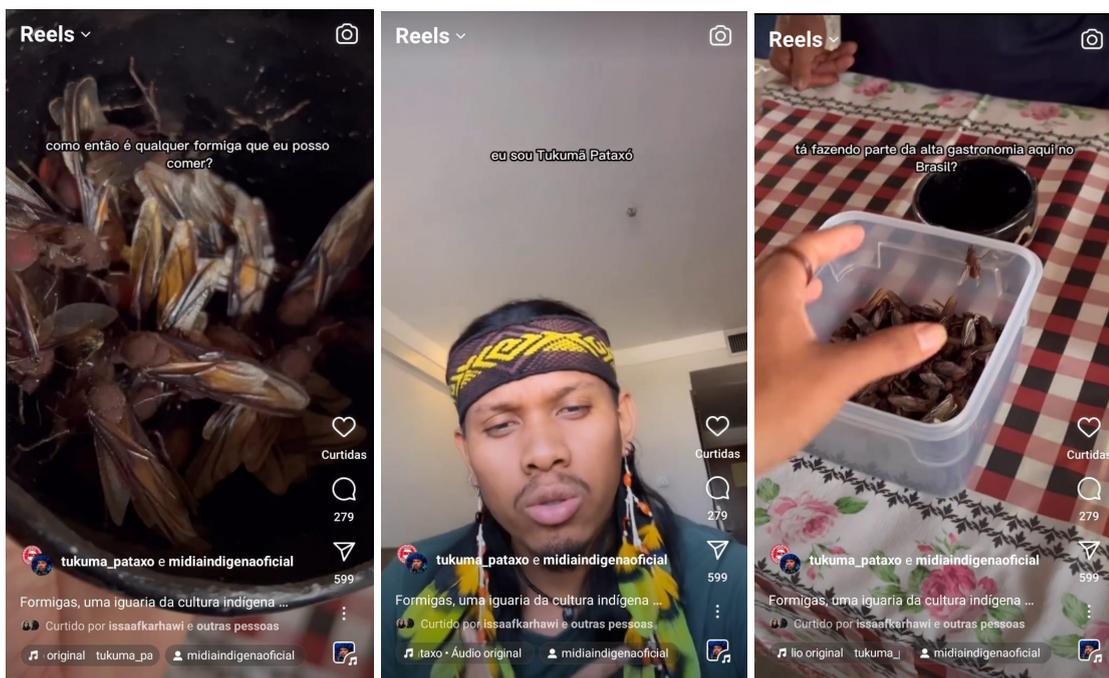


Figura 4: Frames do quadrado “Saberes e Sabores Indígenas” do perfil do Instagram do influenciador digital Tukumã Pataxó, sobre formigas. Fonte: Instagram do Tukumã Pataxó.

Legenda do vídeo:

Formigas, uma iguaria da cultura indígena

Você sabia que as formigas estão fazendo parte da alta gastronomia no Brasil?

A coleta das ocorrem diretamente do formigueiro são coletadas pelo tamanho, cor e por outras características já bem conhecida pelos povos indígenas.

E você, já experimentou algum prato preparado com formigas ? Qual ? Comentem aqui. (Legenda retirada na íntegra dos vídeo postado no Instagram)

No vídeo apresentado por Tukumã Pataxó, é mostrado como as formigas estão se tornando parte da alta culinária brasileira e são utilizadas pelos povos indígenas em diversas receitas, como caldos, farofas, peixes e doces. As formigas

mais comumente utilizadas são tanajura, saúva e maniwara. Tukumã explica que cada formiga possui um sabor distinto. Por exemplo, quando estão vivas, elas exalam um cheiro semelhante a capim-santo ou capim-limão, mas quando são preparadas torradas, possuem um sabor levemente apimentado, lembrando gengibre e limão hortelã, o que traz um diferencial ao prato. O vídeo foi postado em 30 de novembro de 2022, tem duração de 1 minuto e 15 segundos, e teve 68.612 reproduções, 279 comentários e 599 compartilhamentos. Os comentários no vídeo incluíram experiências de indígenas e não indígenas que mostraram entusiasmo com o tema, compartilhando suas próprias experiências ao experimentar tanajura, principalmente relacionando o prato com suas infâncias em regiões do norte e nordeste do país. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Clmcgr0pOb3/>

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, foi possível compreender a importância de um conjunto de fatores, como o uso do Instagram, o ativismo indígena e o influenciador Tukumã Pataxó, para estabelecer diálogos mais próximos com pessoas não indígenas, com o objetivo de conscientizá-las e quebrar estereótipos sobre os diversos povos. A análise realizada nos três vídeos do quadro "Saberes e Sabores Indígenas" nos permitiu entender que Tukumã Pataxó é essencial para o diálogo com a audiência, como podemos observar nas métricas alcançadas pelo vídeo no qual ele não participou. Isso nos leva a compreender que o influenciador possui a habilidade de mediar as pautas, sendo reconhecido como o agente de comunicação. O tema da alimentação funciona como um elo entre diferentes culturas e é capaz de criar espaços para a troca de conhecimento, permitindo que as pessoas estabeleçam uma conexão íntima com o influenciador, como evidenciado nos comentários de diversos perfis no Instagram.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA BRASIL. **Lula sobe a rampa do Planalto e recebe faixa presidencial.** 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2023-01/lula-sobe-rampa-do-planalto-e-recebe-faixa-presidencial>. Acesso em: 04 mar. 2023.

AKATU entrevista: Tukumã Pataxó e o protagonismo indígena. Disponível em: <https://akatu.org.br/akatu-entrevista-tukuma-pataxo-e-o-protagonismo-indigena/>. Acesso em: 27 maio 2023.

BRASIL registra 274 línguas indígenas diferentes faladas por 305 etnias. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/brasil-registra-274-linguas-indigenas-diferentes-faladas-por-305-etnias#:~:text=Segundo%20dados%20do%20C3%BAltimo%20Censo,ind%C3%ADgenas%20de%20305%20diferentes%20etnias.> Acesso em: 05 maio 2023.

COELHO, Maria das Graças Pinto; VIEGA, Maísa Carvalho de Souza; ALVES, Tatiana Nascimento Augusto Dutra (Org.). Mídias: sociabilidades, práticas e significações. Natal: EDUFERN, 2017. 271 p. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/24527>. Acesso em: 15 out. 2022.

DANDARA FONSECA. **NOVOS MILITANTES INDÍGENAS**. 2020. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/novos-militantes-indigenas>. Acesso em: 02 mar. 2023.

ESTHER SOLANO (org.). **Juventudes e Democracia na América Latina**. 2022. Disponível em: https://luminategroup.com/storage/1461/PT_Youth_Democracy_Latin_America.pdf. Acesso em: 06 jan. 2023.

INSTITUTO DEMOCRACIA E SUSTENTABILIDADE. **As múltiplas diversidades que fazem a riqueza do Brasil**. 2022. Disponível em: <https://www.idsbrasil.org/ids-opina/as-multiplas-diversidades-que-fazem-a-riqueza-do-brasil/>. Acesso em: 26 abr. 2023.

INSTITUTO DEMOCRACIA E SUSTENTABILIDADE. **Ministério dos Povos Indígenas é um recomeço para a democracia**. 2023. Disponível em: <https://www.idsbrasil.org/ids-opina/ministerio-dos-povos-indigenas-e-um-recomeco-para-a-democracia/>. Acesso em: 04 mar. 2023.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais, celebridades da internet e “blogueirinhas”: uma entrevista com Crystal Abidin. Intercom - Rbcc. São Paulo, p. 289-301. jan. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/WftrmyFhn6K5r366RN9hSZD/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2023.

KARHAWI, Issaaf. **Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão**. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Issaaf-Karhawi-2/publication/341983923_Influenciadores_digitais_conceitos_e_praticas_em_discussao/links/5edc396245851529453f9ac9/Influenciadores-digitais-conceitos-e-praticas-em-discussao.pdf. Acesso em: 05 maio 2023.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LICHOTTI, Camille. UM INFLUENCER INDÍGENA. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/um-influencer-indigena/>. Acesso em: 27 maio 2021.

LOTT, Wanessa Pires; SANTANA, Cristiane Lima. **CULTURA ALIMENTAR NA AMAZÔNIA BRASILEIRA**. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/27410/15164>. Acesso em: 05 maio 2023.

MACHADO, Ana Maria *et al.* **Não estamos conseguindo contar os corpos**. 2023. Disponível em: <https://sumauma.com/nao-estamos-conseguindo-contar-os-corpos/>. Acesso em: 04 mar. 2022.

MUNDURUKI, Daniel. **Crônicas de São Paulo: um olhar indígena**. 2. ed. São Paulo: Callis Editora, 2010.

OTHON, Renata Alves de Albuquerque. **Sociabilidade no fluxo da convergência e mobilidade midiáticas: ritualidades e lógica do instagram**. In: Mídias: sociabilidades, práticas e significações, COELHO, Maria das Graças Pinto; VIEGA, Máisa Carvalho de Souza; ALVES, Tatiana Nascimento Augusto Dutra (org.). Natal: EDUFRRN, 2017. p.19.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (org.). CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 04 mar. 2023.

RAMOS, Claudiane de Menezes; NODA, Hiroshi; MARTINS, Ayrton Luiz Urizzi. Segurança e soberania alimentar indígena no extremo Norte do Amapá –Brasil. 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14465/13160>. Acesso em: 27 maio 2023.

RIOS, Layana do Amaral; SILVA, Cláudia. INFLUENCIADORES DIGITAIS INDÍGENAS: O INSTAGRAM COMO MÍDIA PARA MANIFESTAÇÃO IDENTITÁRIA E ATIVISTA DE INDÍGENAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA. *Brazilian Creative Industries Journal*. Novo Hamburgo, p. 215-241. jan. 2023. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/braziliancreativeindustries/article/view/3206>. Acesso em: 22 maio 2023.

SARTORETTO, Paola Madrid; BRASIL, Lou Guimarães Leão Caffagnimunicação Indígena no. DA REPRESENTAÇÃO CULTURAL À MUDANÇA ESTRUTURAL:: o problema da comunicação indígena no brasil. In: LUCAS MILHOMENS (São Paulo) (org.). **COMUNICAÇÃO, QUESTÃO INDÍGENA E MOVIMENTOS SOCIAIS:: reflexões necessárias**. Embu das Artes. 2022. p. 39. Disponível em: <https://edoc.ufam.edu.br/handle/123456789/5240>. Acesso em: 14 out. 2022.

SILVA, Paulo de Tássio Borges da. **Processos de Empoderamento e Práticas de Sustentabilidade e Autogestão entre Professoras Pataxó no Território**

Kaí-Pequi. 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/amerika/8122>. Acesso em: 26 maio 2023.

TEMPASS, Martín César. **A culinária indígena como elo de passagem da "cultura" para a "natureza": invertendo lévi straus.** 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/20874/12089>. Acesso em: 22 maio 2023.